

Rocha, Clara. *A caneta que escreve e a que prescreve*. Lisboa: Babel, 2011.

Se uma palavra pode resumir um volume tão vasto e tão ambicioso como o é esta antologia, *A caneta que escreve e a que prescreve* (2011), publicada pela Babel, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, variedade será talvez aquela que melhor define o empreendimento levado a cabo com mestria por Clara Rocha. Um atributo que não lhe compromete o interesse consistente nem a necessária coerência, assegurada, neste caso, quer pelo denominador comum temático: a doença, a medicina e a literatura, quer pelo cuidado filológico em geral observado nas opções editoriais seguidas — Clara Rocha e a sua colaboradora, Teresa Jorge Ferreira, são nisso “professoras até à medula”.¹ Variados são os géneros literários, as épocas (cobrindo do séc. 13 ao séc. 21), e os autores, conferindo ao conjunto uma ampla respiração e criando-lhe simultaneamente uma moldura capaz de acolher e desdobrar com proveito a complexidade e delicadeza que o tema comporta. Acrescenta-lhe valia o excelente prefácio de Emílio Rui Vilar que cumpre com salutar eficácia a sua função, incitando-nos à leitura.

Organizado cronologicamente, o volume surpreende-nos de imediato com o primeiro documento, da autoria de Pedro Hispano, em que o autor nos oferece deliciosas definições de certos órgãos e de como assegurar a respectiva boa saúde. Alude, por exemplo, aos olhos e ao coração: os primeiros “são as janelas da alma, para se verem através deles, como por uma varanda, as cores e as figuras.” (19) Já ao coração faz mal “[o] excesso de estudo e muita meditação, coito frequente e tudo o que fizer mal ao baço.” (21)

Mas não só das doenças do corpo aqui se fala, a doença como metáfora ou as metáforas de doença e morte, usadas pelos poetas, também

¹ João Lobo Antunes, “Uma antologia exemplar”, in “Actual – nº 2062”, *Expresso*, 05-05-2012, pp.34-36, p.36.

vão encontrando o seu espaço: desde João Roiz de Castelo Branco, com “Partindo-se,” até ao poema de José Luís Peixoto, que fecha o volume, passando, naturalmente, por Camões e pela caracteristicamente paradoxal admissão de Pessoa de que “há doenças piores que as doenças.” Estas outras doenças, as do espírito, das emoções e dos afectos são objecto de muitos dos textos aqui recolhidos. De entre os que lidam com doenças psíquicas, destaque, por exemplo, para o impressionante testemunho de Ângelo de Lima, no poema “Pára-me de repente o Pensamento,” a que se segue fragmento autobiográfico do mesmo, em prosa surpreendente e de forte impacto. E da doença, metafórica ou não, da alma individual se passa para os males sociais e colectivos, como os que se descrevem, por exemplo, na carta de Manuel Laranjeira a Unamuno, em que a decadência de Portugal do início do séc. 20 é apodada de “tumor” que grassa ante uma generalizada “insensibilidade moral.”

Além desta largueza no entendimento do tema, pode dizer-se que todos os géneros literários aqui são acolhidos: da poesia lírica à prosa ensaística, do romance ao conto, da crónica à epístola, do diário ao drama, da memória à sátira, do relato (auto)biográfico e, por vezes, autopatográfico, ao compêndio médico. E todo o tipo de autores também: do médico escritor (temos vários e famosos: Miguel Torga, Fernando Namora, António Lobo Antunes, a par de outros, menos conhecidos do grande público) ao romancista e ao poeta, do estudioso da medicina ao cronista e até ao rei poeta que, qual homem comum, se nos confessa. D. Dinis, vergado ao peso dum “humor manencorico,” como lhe chama, assim se presta a ser por nós, ao dar-se em testemunho: “por tal que minha speriencia a outros seja exemplo.” É belíssimo já este português arcaico, magistralmente manipulado pela inteligência do jovem monarca, sem jactância, com máxima sensibilidade, e que a simétrica inteligência da organizadora optou por nos deixar intocado. Como, por outro lado, singela e comovente, ainda que eloquente na sua violência física, é a descrição do parto a ferros, que reencontrámos com emoção no excerto de *Retalhos da vida dum médico* de Namora!

Que bom rever também João Semana, (que, pelo que li, agora já não é reconhecível para os estudantes de Medicina...!²), a simpática perso-

² Ibidem.

nagem do médico de aldeia, a ressumar generosidade, mas sem cedências ao sentimento fácil, invejavelmente alicerçada na prosa honesta e franca de Júlio Dinis, também ele médico, que já não lia desde menina e que aqui, com gosto, revivi.

A sátira mordaz dos versos de um Bocage, apostado em desacreditar a arte dos médicos, contrasta com a comiseração ressentida de António Nobre perante uma adolescente tuberculosa a quem o mar enganadoramente parece consolar, prometendo-lhe a cura, ou com esse outro caso de empatia contida em que um Cesário Verde, “colérico e exigente,” perante afronta estética de pouca monta, se redime aos olhos do leitor, ao deixar-se absorver e tocar pela luta sem tréguas dada à doença física e à exclusão social por parte duma outra tísica, a engomadeira da casa em frente à sua.

As doenças, detalhadamente descritas ou, simplesmente, afloradas, próprias ou alheias, também elas preenchem um arco amplo, desde a simples constipação de Álvaro de Campos que ameaça, contudo, “todo o sistema do universo” e faz “espirrar até à metafísica,” até ao tumor maligno que sentencia à “putrefacção repelência” da morte, no passo tocante de Vergílio Ferreira, ou a inclemência desse indefinido mal oncológico que condena inexoravelmente a protagonista do conto sublime de Maria Judite de Carvalho. E que dizer da enigmática “doença de pele” do excerto de Herberto Helder?

Os espaços da doença também aqui se deixam descobrir na sua diferença e, tantas vezes, na sua indiferença. O branco “desolado e sujo” (segundo Sophia Andresen) do hospital, o carácter “subaquático” das enfermarias vislumbradas por Maria Velho da Costa ou por António Lobo Antunes, ou o despojamento voluntário do “quarto pequeno, modestíssimo, desconfortável... e fantástico” onde faleceu Teixeira de Pascoaes, tal como no-lo descreve Eugénio de Andrade, convivem, lado a lado, com hospitais de campanha (na prosa de um Jaime Cortesão) ou com a clausura da cela exígua do convento de S. Félix, em Chelas, onde a mãe da jovem Marquesa de Alorna padecia de febres e aflições.

Em todas estas páginas é a nossa humana vulnerabilidade, quer sejamos doentes, quer sejamos médicos, jovens, velhos ou crianças, que nos confronta e nos interpela a cada passo. Da arte da “caneta que escreve” desprende-se com sensibilidade, destreza linguística, e, sobretudo, aquele “espírito de aceitação e compreensão,” que, segundo Torga, é partilha de

médico e escritor, toda uma plethora de imagens e situações atinentes à doença, à morte, ao sofrimento e à dor humanas que buscam na “caneta que prescreve” alívio, ajuda, escuta atenta e, quiçá, se possível, a cura. Mas se cura não houver, haverá ao menos a consolação que estas (e outras) múltiplas histórias sempre nos hão-de proporcionar.

Talvez que um dos aspectos mais ingratos de quem se dedica a coligir uma antologia seja a fácil crítica que sempre se lhe poderá apontar de ter “esquecido” este ou aquele texto que tão bem ali cabia...! Sempre alguma coisa lá há-de faltar, já se vê — ou não se tratasse duma selecção! Porém, a mais das vezes, tal falha não incumbe tanto ao antologador, mas antes, e na pior das hipóteses, à necessidade do crítico em justificar o seu mister ou, na melhor delas, resulta de diferenças na formação ou na área de especialidade de um e do outro e, portanto, em última análise, dum necessariamente diverso ponto de vista. Com esta ressalva, vou afinal fazer coro com o “indecoroso” clamor dos meus pares sugerindo, em próxima edição deste volume, a integração de dois textos contemporâneos que muito prezo e considero pertinentes na obra em apreço: a crónica de José Luís Peixoto: “Acompanhante: Pai” (incluída em *Abrço*, publicado em 2011) e algum passo do romance de Valter Hugo Mãe, *A Máquina de fazer espanhóis* (2010) que trata o problema de ser-se velho.

Gostaria muito também de ver incluído um excerto do poema XV de “O Guardador de Rebanhos” de Alberto Caeiro, onde se lê:

As quatro canções que seguem
 Separam-se de tudo o que eu penso,
 Mentem a tudo o que eu sinto,
 São o contrário do que eu sou...
 Escrevi-as estando doente
 E por isso elas são naturais
 E concordam com aquilo que sinto,
 Concordam com aquilo com que não concordam...
 Estando doente devo pensar o contrário
 Do que penso quando estou são.

Não posso terminar sem antes fazer referência a outras virtudes desta obra, quiçá de natureza mais pedestre e do meu particular interesse... Refiro-me ao facto de ela constituir um instrumento utilíssimo naquilo que se espera venha a ser uma área de estudo nova em Portugal, com a primeira unidade

curricular de pós-graduação em Medicina Narrativa, a ter início no primeiro semestre do ano lectivo de 2012-13, na Universidade de Lisboa, no âmbito do projecto interdisciplinar e interinstitucional em Narrativa & Medicina, dinamizado pelo Centro de Estudos Anglísticos, em colaboração com o Centro de Filosofia da mesma universidade e com o Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa. Além disso, torna-se assim também involuntariamente inspiradora dum outro livro que desejamos vir a produzir, ainda dentro do já referido projecto, e que coligirá textos sobre doença e medicina oriundos de países de língua inglesa ou francesa, em tradução portuguesa. Encaramo-lo como complementar em relação à obra aqui em apreço e dela devedor. Bem-haja Clara Rocha!

Isabel Fernandes
CEAUL / ULICES